



<http://www.tfcakarran.com.br>

ÍNDICE:

- Pág. 1 - Capa/Programação
- Pág. 2 - Fala, Presidente!
- Pág. 3 - Visão Templária
- Pág. 4 - GT Divulgação
- Pág. 5 - Texto da Filosofia da TFCA

Boletim Informativo n.º 06

Novembro de 2024

Edição e Diagramação: FAO

Revisão: Marina Mesquita

Programação:

Almoço de Convivência

Data: 23/11/2024

Local: Fazenda Casa Grande
(Casa Paula/Marcelo Serejo)

Localização: <https://maps.app.goo.gl/Ap7Ned3mtFQH8mfG9>

08h30min - Recepção dos Inscritos

09h30min - Aula de Filosofia

"A Comunidade Humana" - MAO Bianca

12h15min - Audição da Filosofia da TFCA

12h45min - Almoço

14h30min - Encerramento

Para se inscrever:

1. A confirmação deverá ser feita até a quinta-feira da semana do evento;
2. Enviar comprovante do Pix no Grupo CEDTFCA (WhatsApp);
3. Chave Pix CEDTFCA (CNPJ): 52.982.567/0001-04
4. Valores do almoço: adulto, R\$ 30,00; crianças até 14 anos, R\$ 15,00.



Caros Associados do CEDTFCA,

É com imensa satisfação que convido todos para participar do Almoço de Convivência do mês de novembro e comemorar o primeiro aniversário de criação da nossa associação.

O CEDTFCA foi criado para possibilitar a continuidade da TFCA, de maneira formal, regular e legal no sistema social.

Neste primeiro ano a palavra de ordem foi estruturação: fizemos várias assembleias, reuniões administrativas, criamos grupos de trabalhos, conseguimos manter um calendário de atividades e estamos com nosso espaço para a prática de exercícios quase pronto para uso de todos.

Estamos celebrando neste primeiro ano do CEDTFCA a realização da proposta que motivou sua criação: "Ser uma alternativa inicial para quem busca a TFCA, reunindo alunos e membros da irmandade, estabelecendo e consolidando um objetivo comum na superação da inconsciência, atuando no presente e vislumbrando no futuro a Autoconsciência".



Eduardo Quadros

O ser humano que não se reconhece humano também não reconhece o outro. Daí, o isolamento. Isolamento em si mesmo e de si mesmo, isolamento do mundo humano. Os comportamentos negativos vêm dessa condição, consequências do bloqueio cerebral. Consequências que caracterizam o mundo da inconsciência.

Como o ser humano, mesmo afastado de si mesmo, não se desliga completamente de si mesmo, busca, através da fantasia e das fantasias, imagens que representem, indiquem sua existência.

Poderes, energias, cores, formas mirabolantes, imagens que buscam revelar uma realidade apaziguadora da luta da inconsciência para, simplesmente, existir. Fantasias que compõem as doutrinações e, por isso, não se concluem.

Doutrinações de um ser humano para outros seguirem. Ou seja, fantasias de um que conduzem milhares. Milhares que deixarão de buscar por se conformarem. Como se tivessem encontrado um caminho real.

O caminho para o retorno à realidade é real, de coisas e fatos reais. Entretanto, em meio a tantas imagens e figuras, é muito difícil distinguir, discernir o real.

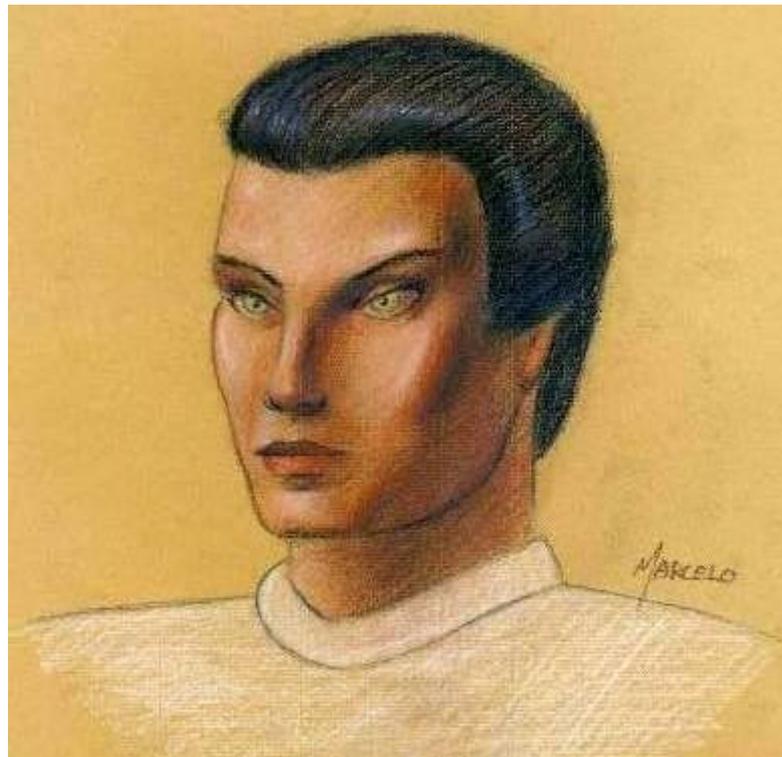
Somente um trabalho como a TFCA pode constituir e consolidar um caminho para a autoconsciência, caminho real e de realidades. Passo a passo, atos de consequências calculadas e planejadas, ações consolidando fatos reais que fundamentam a consciência humana que busca.

Buscamos o si mesmo e, na extensão, os outros. O outro como extensão e como composição do SER.



"Somos capazes de criar e manter tudo o que os nossos olhos são capazes de alcançar. Por isso, somos forças criadoras."
Karran, 13/10/1995.

"Cada um nesta sala é um deus. Todos são capazes de criar. A única coisa que pede é que criemos juntos; que aproveitemos, um a parte do outro, porque um não tem a posse do conhecimento. O conjunto é que tem. Um não sabe porque não é o outro; não sabe porque não é capaz de saber."
Karran, 14/10/1995.





A Comunidade Humana



Maria da Aparecida de Oliveira (MAO)

§1.º) Comunidade é o encontro dos que se amam. É a volta dos que saíram. É a chegada dos que foram. É a saída dos que chegaram.

§2.º) Ser vivo é ser comum. Ser sábio é ser comum. Ser bom é ser comum. Ser comum é ser tudo aquilo que se deixou de ser, porque se constituiu em isolamento sem saída. A vida é uma saída, mas não viver em comum é se fechar em si mesmo e não obedecer à própria vida, que abre todas as saídas para aquele que chega e para aquele que sai. Somos sempre o que somos, mas podemos ser mais do que o que somos quando estamos em comum, pois a comunidade faz acontecer, faz viver, faz andar e progredir, porque é a saída da morte e da estagnação do viver em si mesmo. Em si mesmo, porque se esqueceu do outro. O outro compõe a vida para mim e para ele. Uma vida sem composição de um e de outro nada tem de comum, nada tem de social, nada tem de união, nada tem de progresso e de amor.

§3.º) Amar conta com o outro, porque o objeto amado está fora de si próprio, e se estende pelo mundo humano, isto é, só pode acontecer no comum e não no isolado de cada um. Por isso, a comunidade é o campo do amor, da vida, do movimento em direção à existência e ao não terminar nunca de existir e de fazer, porque o existir e o fazer são a essência humana que faz a existência se concretizar como realidade sem fim.



A Comunidade Humana



Maria da Aparecida de Oliveira (MAO)

§4.º) Vivemos em nós e nos outros, mas parar de viver reduz a vida em si mesmo e no outro. E para-se de viver quando o comum não existe como ideal de vida. Essa estagnação do viver é o retrocesso do amor e de suas realizações no campo da vida. A vida é a luz do tecido humano, que forma o conjunto comum de uma sociedade de seres sem fim. Porém, colocar fim em cada indivíduo, dentro do social, é romper o tecido que cobre toda uma comunidade de vida. E, para que uma comunidade de vida tenha a sua extensão natural, é necessário que a vida a impulsione, mas a vida não se desloca para frente sem o amor, pois o amor é que fundamenta e dá a razão de viver e de existir. Não vemos a vida se não vemos o amor, mas fingir que ama é enganar a vida dentro de si mesmo e trocar o andar pelo parar. É tornar a morrer depois que a vida já estava constituída como elemento fundamental do fazer humano e do realizar da existência.

§5.º) Para que se seja comum, é preciso que se seja a mais de si mesmo, se veja além de si mesmo, se ande em direção ao outro, se faça pelo e com o outro, sem esperar que alguém retorne algo, pois a vida é o próprio retorno do ato de viver daquele que vive em si mesmo e no outro. Viver é movimentar o universo, e o movimento do universo vem de um e vem do outro. Isso é que forma o comum, porque o comum não pode ser de um só.

§6.º) Ninguém mora na comunidade, pois a comunidade, que é a obra do comum, só pode ser um fato se o comum for o seu impulso e a sua constituição intrínseca. Sem isso, teríamos um lugar com um nome e uma maneira de estar ali, para morrer mais uma vez. Como a comunidade é vida, ali não há morte; não havendo morte, todos formam



A Comunidade Humana



Maria da Aparecida de Oliveira (MAO)

um, e um não desaparece pela morte, porque o todo é que o sustenta e o vitaliza no princípio do existir pelo amor. Comum quer dizer todos e não um só, pois um só, dentro de si mesmo, é o egoísmo cristalizado e sem vereda para o outro, e isso não pode formar o comum, porque tem outra natureza, isto é, tem a natureza de um, e não de um com o outro, que é a natureza do comum. Comum é com o outro, e não estar com o outro é estar fora da vida, pois, para estar consigo mesmo, é preciso estar vivendo, e ninguém está vivendo senão com o outro, porque não há vida de um só. Se assim fosse, a comunicação não teria razão de ser, de existir entre um e outro, pois a comunicação é a relação de vida que existe entre um e entre todos, e isso, por si só, já explica e justifica o comum. Mas explicar e justificar o comum ainda não faz perdurar e existir uma comunidade humana, porque o humano precisa se estabelecer na sua plenitude para que o comum seja comunidade.

§7.º) Fazer o comum não é uma sociedade e nem uma soma de elementos, é uma fusão de interesses e de objetivos que mantêm o interesse pela vida, porque a vida é o grande e o único objetivo do comum. Comum, que abrange o isolado e o social na mesma esfera de interesse. Quando o isolado se dispõe a ser comum, ele precisa do outro para sair de si mesmo; e quando o comum age e se desdobra em seus objetivos, ele necessita de cada pessoa em si, para desdobrar a vida e manter o comum. Comum, que é feito de cada elemento isolado, mas estendido no mesmo objetivo, pelo amor e pelo viver.



A Comunidade Humana



Maria da Aparecida de Oliveira (MAO)

§8.º) Ser um e ser todos – eis a essência do comum. Essência, porque no centro do comum existe um e existem todos ao mesmo tempo. Não reconhecer um que está no conjunto é fazer reinar a injustiça, enquanto que um não reconhecer a necessidade do conjunto para que um exista, é desconhecer a sua própria origem e perpetuidade, como ser e como humano que é. É necessário, portanto, andar com um e com todos, pois todos só podem existir e serem reconhecidos por um, e um, ser reconhecido por todos. Todos, que lhe dão a própria existência em separado, para formar o conjunto e viver. A vida é conjunto, é ligação, é extensão por um e por todos ao mesmo tempo.

§9.º) Já se viu que não há vida sem todos, não há um sem o outro e não há o comum no isolado, mas o isolado é que forma o conjunto; e o conjunto é que possibilita ao isolado ser indivíduo e existir na plenitude do ser, como existente. Essa ligação e fusão fazem o comum, e o comum faz a comunidade, e é essa comunidade que forma o social humano, e não o humano, como massa informe e sem coesão de objetivo e de existencialidade perene no campo da vida. A vida não é um mero conceito; é uma extensão, que tem seu fundamento no projeto humano de viver, e não apenas do simples existir, como número de um conjunto qualquer. Isso é a sociedade informe e vazia de sentido e de plenitude, porque aí falta o elemento humano e só existe o cálculo estatístico da existência. Existência, que não tem sentido, porque é uma sociedade que não se associa, se dispersa; não se une, se separa; não convive, se mata e se anula; não se ama, se odeia e se desfaz, até a extinção de um e de todos.



A Comunidade Humana



Maria da Aparecida de Oliveira (MAO)

§10.º) Para que isso não aconteça, é necessário que o conjunto se coloque juntamente com cada um, e cada um se coloque no conjunto, para buscar a vida pela prática do amor. Amor, que faz a plenitude da existência de um e de todos, no contexto comum, que forma o conjunto comunidade.

§11.º) A comunidade, portanto, não é um lugar nem uma residência. A comunidade é um conjunto vivo, que sobrevive em um ou em qualquer lugar, pois sobreviver em um lugar qualquer é um mero detalhe do tempo. E a comunidade está além de qualquer tempo, porque é união perene, sem limite e sem dimensão.

